



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO LARANJA – PROJETO DE PESQUISA

Culturas, arquivos e museus em horizontes para um amanhã possível

João Guilherme Souza dos Santos¹

Esta comunicação pretende abordar práticas de linguagem como ferramentas de valorização e promoção de memórias e culturas plurais no âmbito da cultura institucionalizada em arquivos e museus. Assumimos a linguagem como ação social que, além do poder-fazer, auxilia na construção de relações sociais diversas. Nesse sentido, enquanto instituições custodiadoras e promotoras de narrativas, salientamos a importância de arquivos e museus aprofundarem a discussão a respeito de seu papel social, em diálogo com a preservação de culturas e memórias descentralizadas, desconstruindo favorecimentos que normatizaram a incorporação de acervos de indivíduos e organizações socialmente privilegiados, assim como a sua difusão, de modo geral.

Schwartz e Cook (2002) escrevem que ao longo do tempo profissionais de arquivo foram vistos como meros intermediários para a custódia de acervos: recebemos ao modo de meramente disponibilizá-los aos pesquisadores. Para além dessa afirmativa deixar patente a especificidade dos usuários ideais da instituição, mostra-nos o quanto a sociedade incorporou na imagem desse profissional certa neutralidade, compartilhada com a imagem que se tinha da ciência. No entanto, novas reflexões têm salientado que Arquivos são construções sociais que carregam valores que se refletem na formação dos acervos (BARROS, 2025, p. 4). Também os profissionais de arquivo exercem poder ao gerenciar e tomar parte do processo de incorporação, participando do processo de descrição, preservação e difusão documental (SCHWARTZ; COOK, 2002, p. 2).

No contexto museológico, reflexões e casos recentes têm, ademais, salientado o descompasso entre a reformulação das missões e objetivos institucionais desses espaços e suas aplicações práticas. Vergés (2023), por exemplo, traz ao debate a utopia de decolonização do museu a partir de uma reforma absoluta, que envolve considerar seus antecedentes históricos, conteúdos atuais e o público autorizado ou não a adentrar o seu espaço. Mais do que isso, ao considerarmos a quem é facultado adentrar ou não no museu, outras questões tornam-se possíveis (VERGÉS, 2026): a fim de desempenhar quais funções estamos sendo autorizados a ingressar nesses espaços? Quem pode fruir de seu conteúdo museográfico? Quem limpa esses espaços e quem dele usufrui como espaço de memória e lazer?

¹ Pesquisador independente. Bacharel em Estudos Literários (IEL – UNICAMP) e História (IFCH – UNICAMP). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, Área de Estudos Clássicos – Línguas e textos da cultura greco-romana (IEL – UNICAMP). Profissional em Organização de Arquivos no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE – IEL/ UNICAMP). E-mail: joaogs@unicamp.br



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



Reconhecemos espaços culturais, no geral, como possibilidades para a promoção de identidades, coletividades e memórias plurais, para a autoafirmação e valorização coletiva. Promover arquivos e produções culturais descentralizados é, portanto, passo fundamental para reconhecer grupos política e historicamente desvalorizados e também reverter processos históricos de silenciamento. No entanto, embora entendamos como fundamental a atualização das funções desses espaços, reconhecemos que o exercício de novas práticas narrativas e expositivas, assim como de fruição cultural, esbarram em um processo também histórico de intersecção entre memória, racialização e exercício de poder. Exemplo recente, a exposição “Funk: um grito de ousadia e liberdade”, encerrada antecipadamente no Museu da Língua Portuguesa após denúncia de incitação ao narcotráfico. Casos de censura e criminalização à cultura periférica parecem indicar um caminho possível para entendermos as possibilidades simbólicas e materiais de narrativizar vivências na qualidade de atos de resistência, de busca pelos direitos à palavra e à memória.

Nesse sentido, a construção deste trabalho se insere num quadro teórico de revisão da literatura acerca do campo cultural institucionalizado em arquivos e museus, reconhecendo suas especificidades históricas e as convergências na atualização de suas funções. Trabalhamos a partir da crítica aos modelos tradicionais e hegemônicos de cultura, para apontar horizontes de intervenção possíveis a partir da linguagem e de seus modos de intervenção no real, ao valorizar subjetividades, relações e coletividades. Temos como hipótese a ideia de que identidades navegam na confluência das interações sociais múltiplas, sendo essa a justificativa do direito à opacidade em contraposição a um pensamento transparente e continental (GLISSANT, 2021). Preservar a diversidade cultural torna-se componente essencial para preservar a diversidade de experiências, linguagens e modos de interação.

É importante, então, salientar que práticas contra-hegemônicas são construídas ao desfavor de qualquer forma de discriminação. Malta e Cunha (2025) reforçam a necessidade de que instituições de memória sejam mais do que “guardiãs de relíquias”, tornando-se também espaços de contestação, criatividade, cuidado, escuta e comprometimento com a transformação histórica e social. Devem, assim, permanecer atentas aos silêncios antinaturais que denunciam o exercício do poder de exclusão (CARTER, 2006, p. 227). Conforme escreve Gonçalves (2025, p. 177-82), o silenciamento histórico é um fato, e contra esse fato só podemos redesenhar práticas de imaginação para outros futuros, em que a ancestralidade esteja presente não apenas como elemento de um passado apagado, mas também participando de modos de vida e de escolhas realizadas no presente. Nesse sentido, em um contexto de crescente incerteza quanto à continuidade dos modos atuais de (sobre)vivência em mundos ameaçados de colapsos, consideramos indispensável repensar formas pelas quais será possível fazer emergir pela linguagem outras experiências e histórias, que tragam à consciência outras possibilidades de relacionamento com os seres e o chão da terra.

Palavras-chave: Cultura; Memória; Difusão Cultural; Arquivos; Museus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



BARROS, V. R. L. C. Entre silêncios e apagamentos: as razões para a escassez de arquivos de e sobre mulheres. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 37, nº 84, pp. 1-20, 2025.

CARTER, Rodney G. S. Of Things Said and Unsaid: Power, Archival Silences, and Power in Silence. *Archivaria*, Ottawa, vol. 61, pp. 215-233, 2006.

CUNHA, N.; MALTA, J. Museus para novos tempos: conectando memórias com futuros inclusivos. *Revista Museu*, Rio de Janeiro, s.n., 2025. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2025/22519-museus-para-novos-tempos-conectando-memorias-com-futuros-inclusivos.html#nota01>>. Último acesso em 31 jul. 2026.

GLISSANT, E. **Poética da relação**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.

GONÇALVES, A. M.; GALO DE LUTA; CHAGAS, M. “Memórias em disputa: monumentos, acervos e museus nas políticas de reparação.” In.: IBIRAPITANGA; BRITO, L. C. **Reparação: memória e reconhecimento**. São Paulo: Editora Fósforo, 2025.

MUSEU da Língua Portuguesa cancela exposição sobre funk após virar alvo de políticos de extrema direita; curadora aponta ‘censura’. G1. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2026/06/03/curadora-da-mostra-funk-um-grito-de-ousadia-e-liberdade-cita-censura-apos-evento-ser-encerrado-antes-da-data.ghml>. Último acesso em: 31 jul. 2026.

SCHWARTZ, J. M.; COOK, T. Archives, records, and power: The making of modern memory. *Archival Science*, Berlim, vol. 2, pp. 1–19, 2002a.

SCHWARTZ, J. M.; COOK, T. Archives, records, and power: from (postmodern) theory to (archival) performance. *Archival Science*, Berlim, vol. 2, pp. 171-185, 2002b.

STENGERS, I. **Uma Outra Ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

SUB__VERSIVA. Pode a cultura periférica como o funk adentrar um museu? [post]. [s.l.], 15 jul. 2026. Instagram: @sub__versiva. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/Da0SJ3hndv/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Último acesso em: 31 jul. 2026.

VERGÉS, F. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu, 2023.

VERGÉS, F. **Limpar o mundo**: Vidas desperdiçadas, ambiente degradado e capitalismo racial. São Paulo: Ubu, 2026.